

Descobertas importantes no “maciço do coração”

Jean-François Perret
Grupo Espeleológico Bagnols - Marcoule



Important Discoveries at the “Heart Massif”

In every expedition, the last day is always special. A strange atmosphere reigns absolute, bringing about a mixture of different sensations and emotions. Feelings are shared with the group or just the opposite happens, and introversion sets in: nostalgia, or saudade, as our brazilian friends would say. Usually in such situations all the good moments spent together exploring are mixed, in our minds, to the desire to see our families again, to return home.

However, this time we are only five people and such thoughts haven't gone through our minds yet. Our goal was to continue the exploration of a cave which had been discovered and partially explored and mapped a few days before. Despite its humble entrance, the cave would turn out to be the great sensation of the expedition. This article is about the last day of the French-brazilian expedition to Serra do Ramalho and about the discoveries which have confirmed the region's great potential.

No quadro de nossas explorações na Serra do Ramalho, havíamos combinado explorar duas zonas. A primeira situada nos arredores da pequena cidade de Descoberto e a outra mais a leste, perto das Agrovilas, cidades agrárias nascidas de uma vontade política.

Minha narração discorrerá sobre a segunda zona, principalmente sobre a nova cavidade das “Três Cobras”.

Estamos no dia 13 de junho. Acabamos de deixar Descoberto e a simpática acolhida da família de Gildeon. O programa do dia é simples. Devemos ir para o outro lado da Serra,

contornando-a pelo norte. No fim da manhã, depois de algumas horas de estrada, decidimos fazer uma pausa. Paramos em Correntina, onde corre o rio de mesmo nome. Aproveitamos as lindas bacias de água clara para um bom banho, saboreando uma cerveja bem gelada. Depois da poeira das pistas do sertão, devo reconhecer que isso faz muito bem. Revigorados pela água e com muito apetite, encontramos um restaurante, célebre pela sua cozinha regional, e saboreamos um prato de peixe meio apimentado. Satisfeitos, retomamos a estrada com o objetivo de chegar à Agrovila 15, sem dúvida uma das mais importantes. Ela tem um hotel, um mercado e muitas lojas. Lá vamos encontrar hospedagem e fazer compras. Antes da nossa chegada, obtivemos algumas informações dos habitantes dos vilarejos que atravessamos. Na Agrovila 13, encontramos um homem na beira da estrada. Ele nos leva até a casa de uma pessoa que conhece bem a região.

Algumas centenas de metros mais adiante, fomos acolhidos por uma velha senhora, diante da casa. Ela mora com filhos e netos. Depois das perguntas iniciais feitas por Ezio e Lília, a avó confirma que os maciços calcários estão perto e que há grutas. Ela propõe que voltemos na manhã seguinte para sermos guiados por um dos seus descendentes. Estando com esse objetivo assegurado, voltamos pelo caminho do vilarejo onde vamos ficar. Um quarto de hora mais tarde, chegamos diante do hotel da Agrovila 15. Depois de jantar, merecemos uma boa noite de sono.

No dia seguinte, depois do café da manhã, decidimos não perder tempo e fomos para o nosso encontro. Um adolescente nos guiou até uma casinha situada perto dos calcários. De novo fomos acolhidos por uma pequena família. Fazemos as perguntas de praxe e as respostas nos satisfazem.

Melhor ainda, o dono da casa, Luciano, resolve nos mostrar as entradas. Passamos o dia identificando vários orifícios. A maioria deles não dava

em nada. Mesmo assim exploramos uma linda ressurgência temporária de 850 metros. (Gruna do Riacho do Floriano) que topografamos. No fim do dia, descobrimos duas outras cavidades importantes, das quais exploramos algumas dezenas de metros. Por falta de tempo, voltamos pelo mesmo caminho. Durante essas visitas, os proprietários das terras nos acompanharam e pareciam muito interessados pelas nossas pesquisas. Localizamos entradas com o GPS e decidimos voltar o mais rapidamente possível para continuar as explorações. Uma das entradas parece particularmente promissora. Os dias passam, os objetivos ultrapassam. Exploramos várias cavidades importantes, principalmente a Gruta Google. Finalmente, somente no último dia da expedição conseguimos voltar à gruta que não tem nome ainda.

Em cada expedição que fiz, o último dia é sempre especial. Reina um estranho ambiente, mistura de sensações e de emoção. Cada um desvenda seus sentimentos para o grupo ou ao contrário, fecha-se consigo mesmo. A nostalgia ou a "saúde" - como dizem nossos amigos brasileiros. Os bons momentos passados em equipe, desbravando, misturam-se ao desejo de rever os familiares e voltar para casa. Eu sempre resumo essa situação com uma frase "é preciso partir para melhor voltar". No entanto, neste ano não sinto ainda esse ambiente particular. O grupo reduz-se a cinco pessoas e vivemos plenamente cada instante.

Hoje, último dia da Expedição Descoberto 2007, tenho o pressentimento e a impressão de que as explorações serão boas. Temos dois objetivos: o primeiro é verificar uma possível ressurgência, identificada nas imagens de satélite. O segundo é voltar à gruta descoberta no primeiro dia. Estou muito motivado para ir a esse segundo lugar. Lembro-me muito bem desta galeria que descobri sozinho há dois dias e onde eu parei diante do nada. Ela tem belas dimensões e há sopros de ar.

Assim que tomamos o café da manhã, carregamos o 4x4 e seguimos a pista do primeiro objetivo. Com o GPS na janela, Lília guia Ezio, nosso motorista. Rapidamente nos encontramos perto de um afloramento. Um rebanho de vacas ruma perto de uma casinha. Dois jovens nos dão informações e confirmam a presença de uma gruta a algumas centenas de metros de lá. Pegamos nosso material e seguimos nossos guias. Atravessamos o leito já seco da ressurgência. As ruínas de uma construção do que devia ter sido uma barragem e uma reserva de água ainda são visíveis. Subimos num talude e chegamos ao pórtico da caverna. De capacete, entramos na cavidade. A galeria tem uma forma triangular. Rapidamente chegamos ao nível aquático. Uma poça tenta impedir nosso avanço. Precisaremos nos molhar. Observamos Olivier avançar pela água. Ele caminha mais de uma centena de metros e chega a um sifão. De longe, seu grito de raiva e de desespero nos informa rapidamente sobre a continuidade da cavidade. A penetração no maciço não será feita por aqui. Saímos todos e descobrimos uma antiga inscrição feita com tinta vermelha na rocha. Ezio reconhece o estilo e pensa que isso pode ser uma marca topográfica feita por duas pessoas do seu clube. Elas teriam vindo aqui, há alguns anos, durante uma prospecção. Para nós, só nos restava o segundo objetivo para terminar com um final feliz nossa expedição nesta região.

Voltamos pelo mesmo caminho rumando para o nordeste tendo o GPS como guia. Avançamos rapidamente e chegamos depressa ao fim da estrada carroçável. Carregamos nossos kits de material topográfico, fotográfico, um pouco de comida e de água. O caminho até a gruta é rápido e dez minutos mais tarde estamos diante da entrada: um pórtico tem forma quase triangular. Desta vez minha intuição se confirma. Esta cavidade será muito importante para a região. Uma pequena descida dá acesso a uma passagem baixa. Atravessamos rapidamente e

encontramos uma galeria de dois a três metros de largura e com seis a oito metros de altura aproximadamente. A progressão é fácil. À medida que avançamos fazemos a topografia. Inspeccionamos todas as saídas, mesmo as menores. A galeria está orientada para o norte e é do tipo fissura. Depois de duzentos metros de progressão, encontro a passagem que havia descoberto há alguns dias. Mesmo se o teto é um pouco baixo, o corredor alarga-se nitidamente e sua morfologia muda, modelada por uma evidente ação da água. No solo, os sedimentos mostram ainda os últimos desmoronamentos. Nesses mesmos depósitos fazemos belas descobertas. Acabamos de achar um crânio e ossos de uma preguiça gigante desaparecida desta região há mais de dez mil anos. Mais longe, notamos um dente de mastodonte em perfeito estado de conservação. Essas maravilhas, inspecionadas e fotografadas, são colocadas de volta *in situ* e continuamos nossa exploração. Cento e cinquenta metros mais adiante, chegamos embaixo de uma chaminé que irrompe na superfície. A claridade do dia entra por esse buraco trazendo o sol para o mundo subterrâneo. Uma passagem apertada leva a uma segunda clarabóia, que permite ver o céu azul do sertão. Quanto mais avançamos, mais os volumes aumentam. A galeria tem agora entre quinze e vinte metros de largura e mais ou menos dez de altura. No fim dela, várias soluções nos são oferecidas: continuar em frente ou virar à direita. Decidimos ir em frente. Estamos numa fratura retilínea de largura regular. O chão está recoberto de areia branca. Exploramos várias saídas à direita e à esquerda. Embaixo de uma rede que sobe, temos a surpresa de encontrar dois répteis marrons, que não parecem muito agressivos. Passada a surpresa, os observamos. Creio que eles têm mais medo do que nós e procuram a salvação nos blocos. Voltamos ao eixo principal e continuamos nossa exploração norte/nordeste. As dimensões continuam idênticas, dois

a três metros de largura e cinco ou seis de altura. Depois de várias dezenas de metros, a galeria fica mais estreita e mais cilíndrica e seu teto se abaixa. Devemos baixar a cabeça durante alguns metros. Em seguida, ela se abre de novo sobre uma falha e, depois de alguns metros, vira à direita. O aspecto do lugar muda e estamos em um novo conduto. Depois de uma outra curva em ângulo reto, estamos diante de um grande bloco calcificado. Olhando embaixo, percebemos um sifão. Faço uma pequena escalada sobre o rochedo, ajudado pelos meus companheiros de exploração. Depois de um estreitamento, passo por baixo do sifão oposto e descanso o pé sobre uma capa estalagmítica. A galeria está de novo à minha frente. Avanço ainda uns vinte metros. Infelizmente um bloco de argila bloqueia a continuação e a galeria torna-se impenetrável. O final dessa ramificação encontra-se a mais de seiscentos metros da entrada. Damos meia volta para chegar à interseção no final dessa grande galeria.

A rede parece muito labiríntica. Encontramos uma galeria e a progressão continua sem problemas. É uma delícia, avançamos facilmente e percorremos a primeira que se nos oferece. Percorremos ainda várias dezenas de metros na reta mineral da passagem. Deixamos à nossa direita um belo conduto, para onde voltaremos daqui a pouco. Na frente, progredimos em uma galeria sempre orientada para o norte. As formas continuam idênticas, mas as dimensões aumentam ligeiramente. Nesta rede descobrimos uma terceira cobra, parecida com as outras duas. Exploramos esta nova ramificação por mais de quatrocentos metros. Ela termina em uma pequena galeria obstruída. Damos meia volta e voltamos quase até a direção forçada deixada à nossa direita. Ela é tão bonita e deve continuar adiante. Antes de ir mais longe, com a barriga roncando, decidimos fazer uma pausa para o sanduíche. Em seguida voltamos à interseção da direção esperada.

A esta altura nos separamos, Lília, Ezio e Olivier continuam a exploração e a topografia. Eu e o Joel ficamos na grande galeria para fazer algumas fotos até a saída. Depois da seção fotográfica, Joel quer tomar notas sobre a morfologia da gruta. Ele não precisa de mim nessa zona próxima da entrada. Decido ir ao encontro dos outros. O chamado da "premiere" é muito forte para permanecer neste setor enquanto que a algumas centenas de metros mais longe há descobertas para se fazer. Atravesso rapidamente as galerias que me levam ao encontro dos meus companheiros. Eu preciso encontrar a direção e a presença deles.

Finalmente encontro a passagem-chave sem problemas. O sopro de ar vai melhorando, mergulho no desconhecido à procura dos amigos. Os volumes aumentam rapidamente e atravesso várias salas cujo piso está coberto de blocos.

Toda essa zona está orientada de maneira diferente da direção geral da cavidade. Com efeito eu avanço em direção leste. Devo observar todas as passagens e aguçar os ouvidos para ouvir meus companheiros. Caminho num chão estilo montanha russa. A galeria muda de orientação e retoma a direção norte. Desço de um lado, subo de outro, procuro e perscuto os menores indícios. Meus companheiros estão contentes, eles avançaram muito depressa. As dimensões da galeria não permitem que eu veja mais do que uma dezena de metros à frente. No fundo, percebo um clarão amarelado e sons. Desta vez os achei. Depois de uma pequena discussão, retomo o meu papel na equipe e continuamos a exploração dessa bela cavidade. Caminhamos no labirinto de galerias com uma facilidade quase desconcertante. Vamos até o fundo de uma nova ramificação, que termina também num obstáculo. Duzentos metros antes, havíamos deixado à direita uma grande galeria com uma violenta corrente de ar. Voltando depressa, progredimos de novo na direção leste. Trilhas variadas excitam nossos sentidos. Não devemos estar

muito longe de uma saída. No chão, descobrimos vestígios de cerâmica indígena. Agora o ar fresco não deixa nenhuma dúvida. Avancamos ainda alguns metros e percebemos troncos de árvores. Uma noite escura caiu e somente a vegetação nos indica a presença do exterior.

Acabamos de descobrir um novo acesso à gruta. Topografamos a sala de entrada, continuamos nossas pesquisas e encontramos uma nova rede que parte em direção norte. Andamos uma centena de metros. Sobre a passagem, descobrimos uma cerâmica indígena quebrada. Pela primeira vez escolhemos interromper a progressão sem motivo. A galeria continua e torna-se a motivação para as próximas equipes. Esperar fazer parte delas são os meus votos mais sinceros.

Felizes e contentes após esta jornada magnífica pegamos o caminho de volta. Atravessamos rapidamente as galerias para reencontrar nosso amigo Joel na entrada da gruta.

Fora dela, juntos, procuramos um nome para a cavidade e muitos são propostos. Finalmente, para homenagear os anfitriões mais rastejantes que encontramos na gruta, decidimos chama-la de "a Gruta das Três Cobras".

Este último dia será lembrado como um dia memorável. Nesse ano ele nos deu uma gruta de mais ou menos 2.500 metros de extensão e 32 m de desnível. No momento, esta pequena jóia é uma das cavidades mais importantes desta nova área de pesquisa e seu potencial pode ser estimado em mais de 4 km.

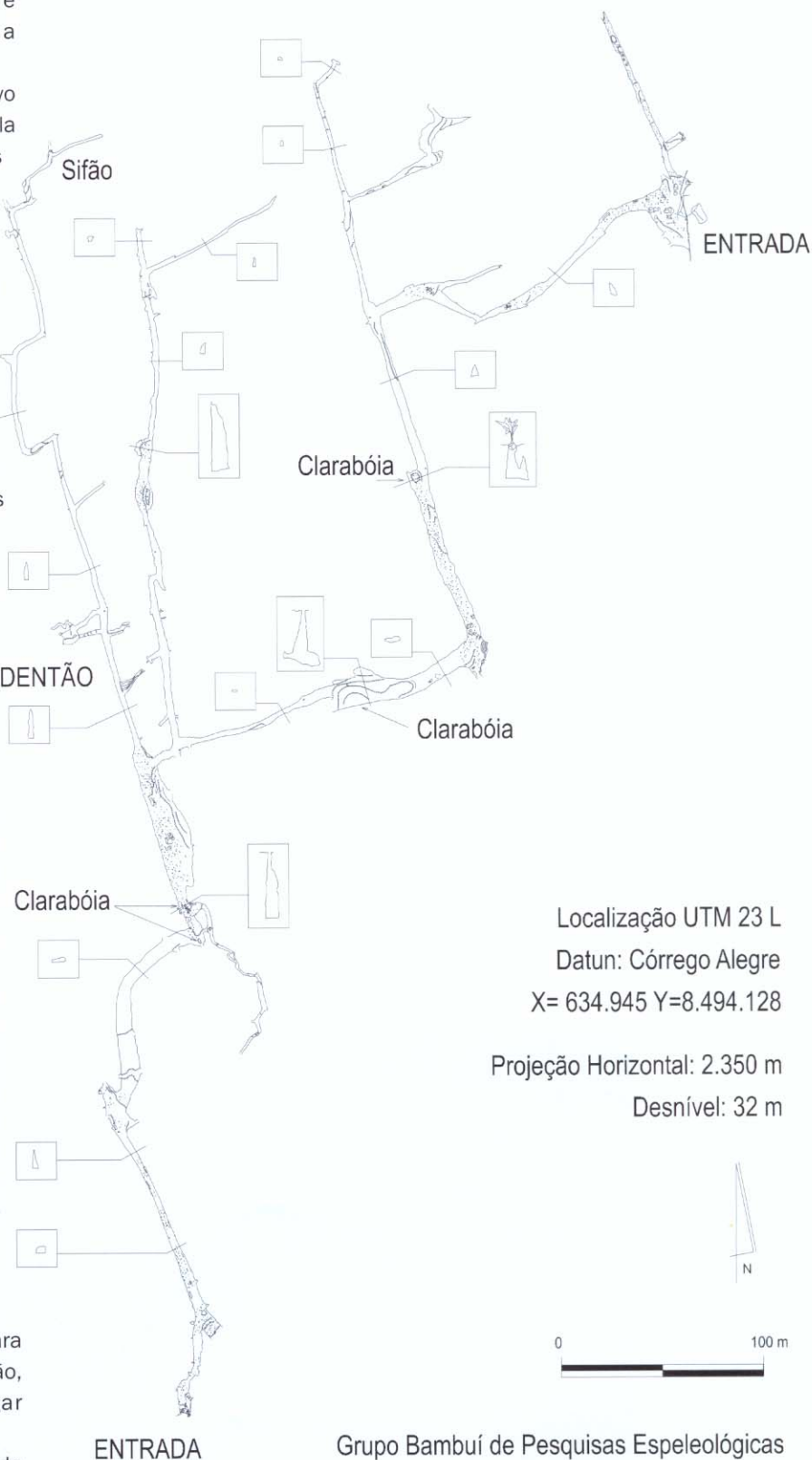
A imagem de satélite do pequeno maciço onde se situa a cavidade parece enganar (ver topografia). Para todos os espeleólogos da expedição, no entanto, ela ocupa um lugar importante no nosso coração.

Assim terminam as explorações da "Expedição Descoberto 2007", na região da Agrovila 15.



GRUNA DAS TRÊS COBRAS

Ramalho - Bahia



Localização UTM 23 L

Datun: Córrego Alegre

X= 634.945 Y=8.494.128

Projeção Horizontal: 2.350 m

Desnível: 32 m

Grupo Bambuí de Pesquisas Espeleológicas

Groupe Spéléo Bagnols Marcoule

Junho - 2007

Découvertes majeures dans "un cœur de massif"

Jean-François Perret

Groupe Spéléologique

Bagnols - Marcoule

Dans le cadre de nos explorations de la Serra do Ramalho, nous avons convenu d'explorer deux zones. La première située aux alentours de la petite ville de Descoberto et l'autre plus à l'est près des Agrovilas, ces villages agraires nés d'une volonté politique.

Mon récit portera sur cette seconde partie et notamment sur la nouvelle cavité des « trois cobras ».

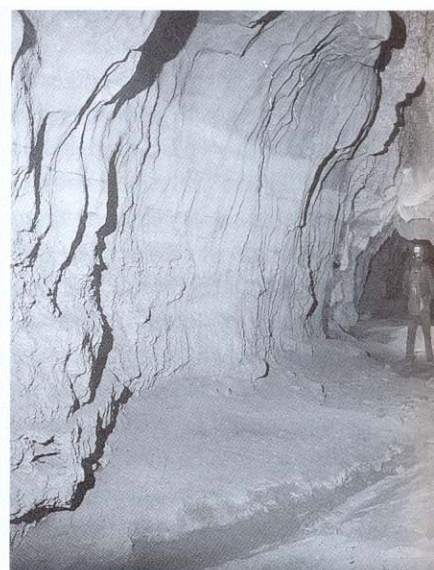
Nous sommes le 13 juin. Nous venons de quitter Descoberto et le formidable accueil de la famille de Gildéon. Le programme de la journée est simple, nous devons aller de l'autre côté de la Serra en la contournant par le nord. En fin de matinée, après quelques heures de piste, nous décidons de faire une pause. A Corentina où coule la rivière du même nom, nous nous arrêtons. Nous profitons des belles vasques d'eau claire pour prendre une bonne baignade tout en sirotant une bière bien fraîche. Après la poussière des pistes du sertao, je dois reconnaître que cela fait le plus grand bien. L'appétit ouvert par l'eau vivifiante, nous trouvons un restaurant célèbre pour sa cuisine régionale et nous dégustons un

plat de poisson relevé à souhait. Repus, nous reprenons la route avec l'objectif d'arriver à Agrovila 15 sans doute l'une des plus importantes des Agrovilas. Elle possède un petit hôtel, un marché et plusieurs commerces. Nous allons trouver là-bas de quoi nous loger et nous approvisionner. Juste avant notre arrivée, nous prenons quelques renseignements auprès de villageois des bourgs que nous traversons. A Agrovila 13, nous rencontrons un homme sur le bord de la route. Il nous dirige chez une personne qui connaît très bien le secteur. Quelques centaines de mètres plus loin, nous sommes accueillis devant une maison par une vieille femme. Elle vit avec ses enfants et ses petits enfants. Après les questions préliminaires posées par Ezio ou Lilia, la grand-mère confirme que les massifs calcaires sont proches et qu'il y a bien des grottes. Elle propose que nous repassions le lendemain matin et nous fera guider par un des ses descendants. Cet objectif étant assuré, nous reprenons le chemin du village qui doit nous accueillir. Un quart d'heure plus tard, nous arrivons devant l'hôtel d'Agrovila 15. Il y a de la place de libre et nous pourrons aussi prendre le repas du soir. L'installation terminée, le souper englouti, nous prenons une bonne nuit de sommeil.

Le lendemain après le petit déjeuner, nous décidons de ne pas perdre de temps et allons à notre rendez-vous. Un adolescent nous guide jusqu'à une petite maison au contact des calcaires. De nouveau, nous sommes accueillis par une

petite famille. Les questions rituelles sont posées et les réponses nous conviennent. Mieux encore, le maître de maison Luciano décide de nous montrer les entrées. Nous passons la journée à repérer plusieurs orifices. La majorité d'entre eux ne donnent rien. Nous explorons tout de même la belle résurgence temporaire de 850 m (Gruna do Riacho do Floriano) que nous topographions. En fin de journée, nous découvrons deux autres cavités importantes que nous explorons sur quelques dizaines mètres. Par manque de temps, nous rebroussons notre chemin. Lors de ces dernières visites, les propriétaires des terrains nous ont accompagné et semblent très intéressés par nos recherches. Nous localisons les entrées au GPS et décidons de revenir le plus vite possible pour continuer les explorations. Une des entrées semble particulièrement prometteuse. Les jours passent, les objectifs trépassent. Nous explorons plusieurs cavités importantes, notamment « la perte google ». Finalement ce n'est que le dernier jour de l'expédition que nous réussissons à retourner à la grotte qui ne porte pour le moment aucun nom.

Lors de chacune des expéditions que j'ai faites, ce dernier jour est toujours particulier. Il règne une étrange ambiance, mélange d'une multitude de sensations et d'émotions. Chacun avec ses sentiments s'ouvre au groupe ou au contraire se renferme sur lui-même. La nostalgie ou la Saudade comme disent nos amis Brésiliens. Les bons moments passés en



Galerias típicas da Gruna das Três Cobras. Acima, uma das três.
Fotos: Jean-François Perret

équipe à faire de la première se mêlent au désir de revoir ses proches et de rentrer chez soi. Je résume à chaque fois cette situation en une phrase « il faut savoir partir pour mieux revenir ». Toutefois, cette année, je ne ressens encore pas cette ambiance particulière. Le groupe est réduit à cinq et nous vivons chaque instant pleinement.

Aujourd'hui, dernier jour de Descoberto 2007, j'ai le pressentiment et l'impression que les explorations seront bonnes. Nous avons deux objectifs : le premier est de vérifier une résurgence possible repérée sur les photos satellites. Le second est de retourner à la grotte découverte le premier jour. Je suis très motivé pour aller sur ce deuxième site. Je me rappelle très bien de cette galerie que j'ai découverte seul il y a deux jours et où je me suis arrêté sur rien. Elle est de belles dimensions et il y a du courant d'air...

Le petit déjeuner avalé, nous chargeons le 4x4 et prenons la piste du premier objectif. Le GPS à la fenêtre, Lilia guide Ezio notre chauffeur. Très rapidement, nous nous retrouvons près d'une barre rocheuse. Un troupeau de vaches rumine près d'une petite maison. Deux jeunes hommes nous renseignent et confirment la présence d'une grotte à quelques centaines de mètres de là. Nous prenons notre matériel et suivons nos guides. Nous traversons le lit asséché de la résurgence. Les ruines d'une construction qui devait être un barrage et une réserve d'eau sont encore visibles. Nous montons un talus et arrivons au

porche de la caverne. Le casque sur la tête, nous pénétrons dans la cavité. La galerie a une forme triangulaire. Rapidement, nous arrivons sur le niveau aquatique. Un gour bloque notre avancée. Il va falloir se mouiller. Olivier progresse dans l'eau, nous le regardons patauger. Il avance de plus d'une centaine de mètres et arrive sur un siphon. Au loin, son cri de rage et de désespoir nous renseigne rapidement sur la suite de la cavité. La pénétration dans le massif ne se fera pas par ici. Nous sortons tous et découvrons une ancienne inscription faite à la peinture rouge sur la roche. Ezio reconnaît le style et pense que cela peut être une marque topographique fait par deux personnes de son club. Elles seraient peut être venues ici, il y a quelques années en repérage. En ce qui nous concerne, nous n'avons plus que le second objectif pour terminer en beauté notre expédition dans cette région.

Nous rebrousse chemin et partons au nord est avec le GPS comme guide. Nous avançons rapidement et arrivons vite au terminus carrossable. Nous chargeons nos kits du matériel topographique, photographique et d'un peu de nourriture et d'eau. Le cheminement jusqu'à la grotte est très rapide et dix minutes plus tard, nous sommes devant l'entrée. Cette fois, mon intuition se confirme. Cette cavité sera majeure pour cette région. Le porche est de forme presque triangulaire. Une petite descente donne l'accès à un passage bas. Rapidement franchi, nous trouvons une galerie de deux à trois mètres de large et haute de six à huit mètres

environ. La progression est facile. Nous avançons tout en faisant la topographie. Nous inspectons les moindres départs. La galerie est axée nord est et de type diaclase. Après deux cents mètres de progression, je retrouve le passage que j'ai découvert il y a quelques jours. Même si le plafond est un peu bas, le couloir s'élargit très nettement et sa morphologie change, modelé par une évidente action de l'eau. Au sol, les sédiments montrent encore les derniers écoulements. Dans ces mêmes dépôts, nous faisons de belles découvertes. Nous venons de trouver un crâne et des os de paresseux géant disparu de cette région il y a plus de dix milles ans. Plus loin, nous remarquons une dent de mastodonte en parfait état de conservation. Ces merveilles inspectées et photographiées, nous les replaçons in situ et continuons notre exploration. Cent cinquante mètres plus loin, nous arrivons au bas d'une cheminée qui crève la surface. La clarté du jour se jette par ce trou béant pour ensoleiller le monde souterrain. Un passage resserré mène à une seconde claraboia qui permet de voir le ciel bleu du sertão. Plus nous avançons, plus les volumes augmentent. La galerie fait maintenant entre quinze et vingt mètres de large et environ dix de haut. Au bout de celle-ci, plusieurs solutions s'offrent à nous : continuer en face ou bien à droite. Nous décidons de prendre en face. Nous sommes dans une fracture rectiligne de largeur régulière. Le sol est couvert de sable blanc. Nous explorons les divers départs à droite et à gauche.



Au bas, d'un réseau remontant, nous avons la surprise de tomber sur deux reptiles. De couleur marron, ils ne semblent pas très agressifs. La surprise passée, nous les observons. Je crois qu'ils ont plus peur que nous et cherchent leur salut sous les blocs. Nous revenons à l'axe principal et continuons notre exploration nord / nord est. Les dimensions restent identiques, deux à trois mètres de largeur et cinq ou six de hauteur. Après plusieurs dizaines de mètres, la galerie prend une forme davantage rétrécie mais plus cylindrique et son plafond s'abaisse. Nous devons baisser la tête pendant quelques mètres. Ensuite, la galerie se développe à nouveau sur une faille et après quelques mètres, vire à droite. L'aspect du lieu change et nous voilà dans une nouvelle conduite. Après un autre virage à angle droit, nous sommes face à un gros bloc calcifié. En regardant dessous, nous apercevons un siphon. Je fais une petite escalade au dessus du rocher aider par mes compagnons d'exploration. Après une étroiture, je passe au dessus du siphon en opposition et prends pieds sur un plancher stalagmitique. La galerie est à nouveau en face de moi. Je progresse sur une vingtaine de mètres. Hélas, un bouchon d'argile colmate la suite et la galerie devient impénétrable. Le terminus de cette branche se trouve à plus de six cents mètres de l'entrée. Nous faisons demi tour pour rejoindre le carrefour au bout de la grosse galerie.

Le réseau semble très labyrinthique. Nous retrouvons une galerie faille et la progression reprend de plus belle. C'est un vrai régal, nous avançons facilement et avalons la première qui s'offre à nous. Nous parcourons encore plusieurs dizaines de mètres dans la rectitude minérale du passage. Nous laissons sur notre droite une belle conduite forcée, nous y retournerons tout à l'heure. En face, nous progressons dans une galerie toujours axée nord. Les formes restent identiques, mais les dimensions augmentent légèrement. Dans ce réseau un troisième serpent est découvert. Il est semblable aux deux autres. Nous explorons cette nouvelle branche sur plus de quatre cents mètres. Elle se termine par une petite galerie colmatée. Nous

faisons demi tour et revenons presque jusqu'à la conduite forcée laissée sur la droite. Elle est si belle qu'il doit bien y avoir une suite derrière. Mais avant d'aller plus loin, nos ventres crient famine et nous décidons de faire une pause casse croûte. Les sandwichs avalés, nous regagnons le carrefour de la suite espérée.

A ce moment là, nous nous séparons. Lilia, Ezio et Olivier continue l'exploration et la topographie. Joël et moi restons dans la grande galerie pour faire quelques clichés et ce jusqu'à la sortie. Après la séance photographique, Joël veut prendre des notes sur la morphologie de la grotte. Il n'a vraiment pas besoin de moi dans cette zone proche de l'entrée. Je décide de rejoindre les autres, l'appel de la première est trop fort pour rester dans ce secteur alors qu'à quelques centaines de mètres plus loin, il y a de la découverte à faire. J'arpente très rapidement les galeries que me ramènent sur les pas de mes camarades. Il me faut retrouver la conduite forcée et leur présence.

Finalement, je trouve le passage clé sans problème. Le courant d'air est perfectible, je fonce dans l'inconnu à la recherche de mes amis. Les volumes augmentent rapidement et je traverse plusieurs salles au sol jonché de blocs. Toute cette zone est orienté différemment de la direction générale de la cavité, en effet, j'avance pratiquement pleine est. Je dois observer tous les passages et tendre l'oreille pour essayer de repérer mes équipiers. Je chemine sur un sol de style montagnes russes. La galerie change d'orientation et reprend comme de coutume la direction nord. Je descends d'un coté remonte de l'autre, cherche et scrute les moindres indices. Eh bien, ils se sont régalés mes compagnons, ils ont avancé vite, très vite. Les dimensions de la galerie me permettent de voir sur plusieurs dizaines de mètres. Au fond, j'aperçois une clarté jaunâtre et des sons. Cette fois, je les ai rejoint. Après une petite discussion, je prends un rôle dans l'équipe et nous continuons la découverte de cette belle cavité. Nous cheminons dans le dédale de galeries avec une facilité presque déconcertante. Nous allons jusqu'au fond d'une nouvelle branche qui se termine elle aussi sur un colmatage.

Deux cents mètres avant, nous avons laissé sur la droite une grosse galerie avec un violent courant d'air. Vite de retour, nous progressons de nouveau vers l'est. Des senteurs variées excitent nos papilles, nous ne devons pas être très loin d'une sortie. Au sol, nous découvrons des vestiges de poterie indienne. Maintenant, l'air frais, ne laisse aucun doute : nous avançons encore de quelques mètres et apercevons des troncs d'arbres. Une nuit noire est tombée et seule la végétation nous indique la présence de l'extérieur.

Nous venons de découvrir un nouvel accès à la grotte. La salle d'entrée topographiée, nous continuons nos recherches et trouvons un autre réseau qui part vers le nord. Nous faisons une centaine de mètres. Sur le passage, nous découvrons une céramique indienne brisée. Pour une fois, nous choisissons d'arrêter la progression sur rien. Ainsi, nous laissons devant nous de la première. La galerie continue et devient la motivation pour les prochaines équipes... Et peut être serai-je dans le groupe...mon vœu le plus cher.

Heureux et satisfait de cette journée magnifique, nous prenons le chemin du retour. Nous arpentons très rapidement les galeries pour rejoindre notre ami Joël à l'entrée de la grotte.

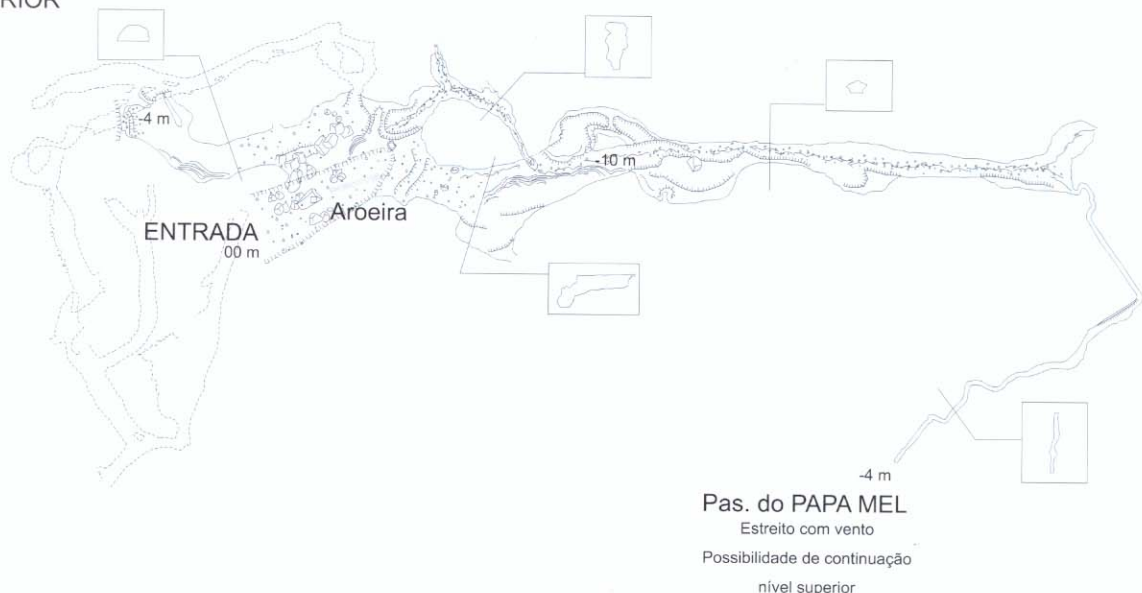
Une fois dehors, ensemble, nous cherchons un nom pour la cavité et plusieurs sont proposés. Finalement en hommage aux hôtes les plus rampants que nous ayons trouvé dans la grotte, nous décidons de l'appeler la « grotte des trois serpents ».

Cette dernière journée aura été comme souvent une journée mémorable. Cette année, elle nous aura donné une grotte d'environ 2500 m de développement et 32 m de dénivelé. Pour le moment, ce petit joyau, est une des cavités majeures de la région et son potentiel peut être estimé à plus de 4 km.

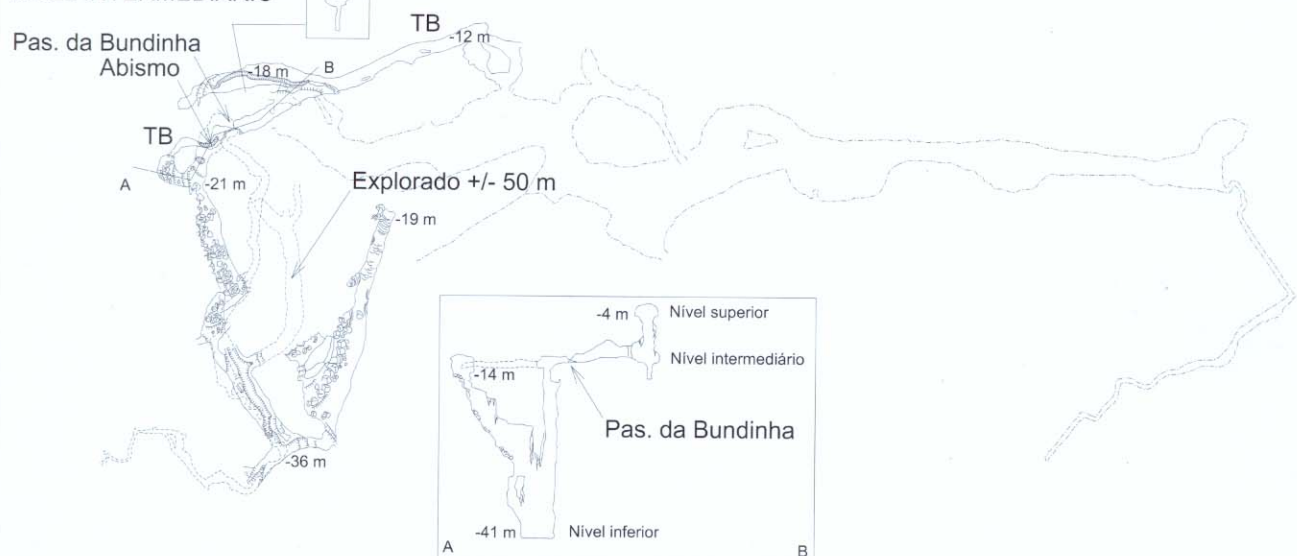
La photo satellite du petit massif où se situe la cavité ressemble à si méprendre à un cœur (voir topographie). Pour tous les spéléologues de l'expédition, elle tient à son tour une place importante dans notre cœur. Ainsi se termine les explorations de l'expédition Descoberto 2007 dans la région d'Agrovila 15.



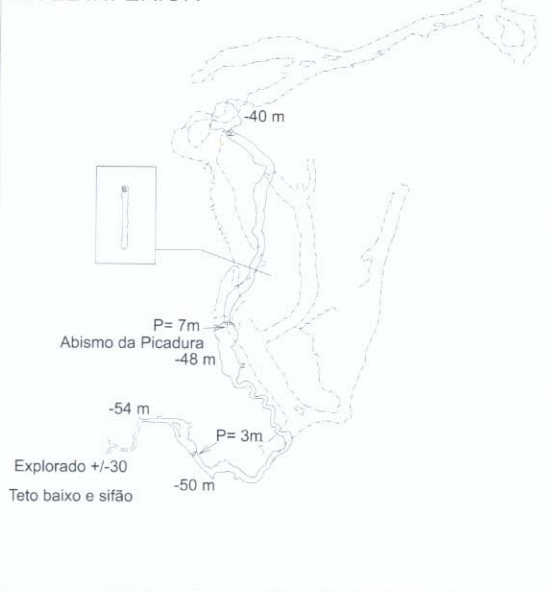
NÍVEL SUPERIOR



NÍVEL INTERMEDIÁRIO



NÍVEL INFERIOR



PINGUEIRA DO JOÃO NOGUEIRA Coribe - Bahia

Localização UTM 23 L

Datun: Córrego Alegre

X= 594.848 Y=8.470.941

Projeção Horizontal: 1000 m

Desnível: 55 m



Grupo Bambuí de Pesquisas Espeleológicas

Groupe Spéléo Bagnols Marcoule

Junho - 2007

